



CARLA FERREIRA (*)

Sobre Arte Contemporânea: *O que faz falta... é malhar na malta*

Nascido em 1966, em Angra do Heroísmo, Luís Herberto é licenciado em Artes Plásticas/ Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL, 1998), com especialização em Desenho. Fez o doutoramento em Belas-Artes/ Pintura também na pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL, 2014), com cuja tese se intitulava: *Imagens interditas? Limites e ruturas em representações explícitas do sexo no pós-25 de Abril*. Tornou-se professor na Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior (UBI), na Covilhã e 2003 até à atualidade.

No seu trabalho de artes plásticas dá especial enfoque à incidência na interação entre questões de género, sexualidade, provocação e arte. Está representado nas coleções da Biblioteca/ FCT da Universidade Nova de Lisboa, ISPA-Instituto Universitário, Fundação Dom Luís/ Cascais, Museu da Guarda, Museu de Setúbal e diversas coleções particulares.

O Museu de Angra do Heroísmo inaugurou no passado dia 27 de maio a exposição de Luís Herberto intitulada: *O que faz falta... é ma-*



lhar na malta. É uma sequência de pinturas de grandes dimensões, cujo título lembra a famosa canção de intervenção de Zeca Afonso: *O que faz falta!*. Exibe, numa linguagem declaradamente pictórica, muito próxima da dos murais, episódios da intercessão de forças policiais e paramilitares, em diversas manifestações, nomeadamente quando está em causa o desprezo manifesto à dignidade social e aos mais elementares direitos da nossa existência social e democrática.

Nesta exposição há uma reflexão sobre a violência por via da pintura.

Vemos corpos em movimentos de embate, a sua vulnerabilidade física é exposta, mais pela mancha do que pelo desenho, por pinceladas instantâneas e vigorosas, de cores tensas e vivas, fazendo jus à inquietação do acontecimento que representa: da gesticulação, dos ferimentos, enfim da ação.

Luís Herberto já nos tem vindo a habituar, nos seus trabalhos anteriores, à dimensão pública do corpo humano, o corpo vulnerável, como todos os corpos da Humanidade. Corpos políticos que se manifestam na rua. Por isso, *Malhar na malta* é uma emi-

nente eventualidade da própria condição de se ser um animal político.

Vemos nalgumas das suas pinturas mulheres que resistem digna e corajosamente. Elas sabem que os seus protestos as tornam sujeitas de ser insultadas, espancadas, feridas, até mesmo mortas.

“O que faz falta... é malhar na malta” foi o título que ironicamente Luís Herberto escolheu, evocando o que cantava Zeca Afonso na canção: “Faz falta dar poder à malta; Para avisar, acordar, empurrar, animar, libertar a malta”. Na minha opinião, mais do que “malhar” na malta, a mensagem que estas pinturas querem passar é sobretudo “malhar” na persistência dos direitos sociais de igualdade e da dignidade Humana. A Arte também é, e deve ser, uma arma de intervenção social.

Aconselho vivamente a visitarem esta exposição que está patente até dia 10 de setembro de 2022 na Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes, na Feteira, Ladeira Grande, Outeiro do Galhardo, número 13. ❖

(*) Licenciada em História da Arte
Pos-Graduada em Práticas Culturais
para Municípios